



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

VIVIANE DOS SANTOS BERNARDO

Museu Kanindé e Juventude Indígena

ACARAPE, CE

2022

VIVIANE DOS SANTOS BERNARDO

MUSEU KANINDÉ E JUVENTUDE INDÍGENA

Projeto de pesquisa – Trabalho de Conclusão de Curso - apresentado ao Bacharelado em Humanidades como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Cristina de Oliveira Abbonizio.

ACARAPE, CE

2022

Nome: BERNARDO, Viviane

Título: Museu Kanindé e Juventude Indígena

Projeto de pesquisa – Trabalho de Conclusão de Curso -
apresentado ao Bacharelado em Humanidades como requisito
para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: ___/___/_____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Aline Cristina de Oliveira Abbonizio (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco (Examinador Interno)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB

Prof. Mestre Suzenilson da Silva Santos (Examinador Externo)
Ponto de Cultura & Memória: Museu Indígena Kanindé

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a Deus e a nosso pai Tupã. Aos meus pais Elinete Bernardo e Alúcio Bernardo, que sempre me apoiaram e me ajudaram financeiramente. A todas as pessoas que me incentivaram a começar mais um ciclo de conhecimento em minha vida, mesmo sabendo que não seria fácil.

Aos meus ex-professores, que sempre acreditaram no meu potencial, Suzenilson Kanindé, Carliane Vieira, Jair Martins entre outros. Ao Jozuelo Kanindé, que me ajudou com seu conhecimento sobre a prova escrita. À minha orientadora Aline, que sempre esteve à disposição a me ajudar e que, por mais que muitas vezes eu me sentia incapaz, ela sempre me dava uma palavra positiva e que tudo daria certo. Por fim, dizer que essa conquista não é só minha, mas, sim, do meu povo Kanindé de Aratuba.

RESUMO

Este projeto de pesquisa está direcionado a entender qual a importância da juventude indígena na gestão e organização do Museu Indígena Kanindé, que fica no município de Aratuba, Estado do Ceará, Nordeste brasileiro. Dessa pergunta principal, decorre também estabelecer o que a atuação no Museu implicou em termos de organização da juventude Kanindé. Essa pergunta é importante porque a hipótese que será verificada ao longo desta investigação é a de que a juventude indígena tem um papel fundamental na história do Museu. Por conta disso, o **objetivo geral** desta pesquisa é compreender a forma como a juventude indígena atua no Museu Kanindé e como esta atuação mobiliza a juventude. Para tanto, serão necessários cumprir os seguintes **objetivos específicos**: 1) descrever a história do Museu Kanindé; 2) caracterizar os processos de organização da juventude Kanindé; 3) descrever as formas de atuação da juventude indígena no Museu Kanindé. Para tanto, serão sistematizadas produções bibliográficas que tratem de museologia comunitária, organização política de juventudes indígenas (Kanindé e outras etnias) e museus indígenas. Também serão recuperadas e analisadas fontes primárias, como documentações relacionadas ao Museu e realizadas entrevistas com sujeitos envolvidos. Ao final da pesquisa, pretende-se a redação de um artigo.

Palavras-chave: Kanindé. Museu Kanindé. Juventude Indígena

ABSTRACT

This research project is aimed at understanding the importance of indigenous youth in the management and organization of the Kanindé Indigenous Museum, located in the municipality of Aratuba, State of Ceará, Brazilian Northeast. From this main question, it also follows to establish what the work at the Museum implied in terms of Kanindé youth organization. This question is important because the hypothesis that will be verified throughout this investigation is that indigenous youth have a fundamental role in the history of the Museum. Because of this, the general objective of this research is to understand how indigenous youth works at the Kanindé Museum and how this action mobilizes youth. Therefore, it will be necessary to fulfill the following specific objectives: 1) describe the history of the Kanindé Museum; 2) characterize the Kanindé youth organization processes; 3) describe the ways in which indigenous youth work at the Kanindé Museum. To this end, bibliographic productions dealing with community museology, political organization of indigenous youth (Kanindé and other ethnic groups) and indigenous museums will be systematized. Primary sources will also be retrieved and analyzed, such as documentation related to the Museum and interviews with individuals involved. At the end of the research, it is intended to write an article.

Keywords: Kanindé. Museu Kanindé. Indigenous Youth.

Introdução

Meu nome é Viviane Bernardo, tenho 21 anos, sou indígena do povo Kanindé e natural do município de Aratuba, no Estado do Ceará, Nordeste brasileiro.

Desde meu nascimento, morei em uma aldeia chamada Kanindé de Aratuba, que está localizada na zona rural de Aratuba. Além da minha aldeia, os Kanindé vivem em duas outras aldeias: Balança e Gameleira, que ficam no mesmo município.

A população Kanindé conta, aproximadamente, com mais de mil e cem pessoas e cerca de duzentas e oitenta famílias, que sobrevivem da caça e da agricultura e diversas outras ocupações que ocorrem dentro ou fora da aldeia, como: profissionais da educação, costureiras, pedreiros, babás, empregadas domésticas, vendedores de roupas, produtos de limpeza e comerciantes dos mercadinhos, que são mais conhecidos como bodegas.

Alguns Kanindé já são formados em universidades públicas e privadas, tendo muitos também passado pela Licenciatura Intercultural Indígena, ou o Li Pitakaja, um curso voltado para a formação específica de docentes indígenas do Ceará.

A aldeia Kanindé é um lugar onde a natureza é preservada e não há tanto desmatamento. Um lugar rico em frutas da terra, como: laranja, acerola, caju, mamão, banana, manga, maracujá, seriguela e graviola. A aldeia tem também uma escola diferenciada indígena, que atende estudantes indígenas e não-indígenas da educação infantil ao ensino médio, sendo a maioria dos matriculados indígena, mas existe uma pequena porcentagem de não-indígenas. A aldeia também conta com um posto de saúde, um museu, um centro de artesanato, uma oca e a sede da Associação, onde acontecem reuniões relacionadas a assuntos da aldeia, como entrega de sementes para agricultores e eventos diversos.

No decorrer dos anos, quando já estava com mais ou menos oito anos de idade, fui entendendo um pouco da história de onde eu morava. Fui entender que, ali, também, tinha e tem uma escola diferenciada indígena. Por conta de discriminação étnico-racial, das opiniões negativas das pessoas, meus pais não me matricularam nessa escola. Portanto, eu estudei até meu nono ano em uma escola municipal convencional, que ficava na própria aldeia, porém, não atendia ao ensino médio.

Foi a partir dos treze anos de idade que fui entendendo o porquê de ser uma aldeia indígena, mesmo não tendo pessoas peladas, nem ocas e, muito menos, quem só sobrevivesse da caça. Sim isso tudo aconteceu devido a colonização e, mesmo assim,

algumas pessoas da aldeia não acreditavam que ali existiam indígenas. Ou seja, antes mesmo de nós chegarmos à aldeia, já havia tido vestígios de pessoas indígenas.

No auge do nono ano do ensino fundamental tive que optar entre ingressar no ensino médio na cidade de Aratuba ou na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Optei pela escola indígena. Daí, então, comecei a me engajar no movimento indígena.

Mesmo tendo um pouco de vergonha, fui me adaptando. Comecei puxando o toré, que é um ritual sagrado do nosso povo. Depois de algumas semanas, foram propostos grupos de estudos chamados: HUVIXA, Formação de jovens e lideranças, e NEPIK, Núcleo de estudos e pesquisas indígena Kanindé.

Em março de 2016, o coordenador da escola, professor Nilton Gomes, e o professor Suzenilson da Silva Santos, que aqui será tratado também como Suzenilson Kanindé, passaram de sala em sala na escola indígena convidando os estudantes para um encontro que trataria da atuação nos grupos de estudos da aldeia. A ideia principal era convidar jovens estudantes Kanindé para atuarem na escola e no museu comunitário, já que o grupo anterior já havia concluído o ensino médio e a maioria já estava frequentando o ensino superior.

Após os convites, o primeiro encontro reuniu muitas pessoas, porém, devido às responsabilidades de pesquisas, estudos sobre a aldeia e rotinas de atividades muitos deixaram de participar e ficaram poucas pessoas atuando de fato. Nos encontros dos grupos, eram feitas pesquisas sobre os pontos de memória, sobre as lideranças indígenas, a cultura do povo, as pinturas etc.

O Museu Kanindé é próximo à escola e, naquele período, estava fechado porque os jovens que vinham atuando nele tinham terminado o ensino médio e, muitos, já estavam na universidade e, portanto, vivendo fora da aldeia. Foi então que surgiu uma formação com o professor Alexandre Gomes, antropólogo e pesquisador, que decidiu ministrar um curso para a reabertura do Museu com quem estava participando dos grupos de estudo e formação de lideranças. Nessa formação, iríamos aprender como seria a limpeza, a ornamentação e a reabertura.

Assim foi feito, passamos uma semana em formação. Logo depois, fomos para a questão da limpeza do ambiente e o cronograma dos dias que cada jovem iria ficar responsável pela manutenção, organização e ornamentação do ambiente. Em seguida, iniciamos a

divulgação da reabertura do Museu com a participação da comunidade e de outras pessoas convidadas. O Museu passou a ficar aberto e receber tanto a população indígena quanto os não-indígenas.



Figura 1: Formação para a reabertura do Museu Kanindé, diálogo com a já falecida dona Odete, liderança, rezadeira e parteira. Fotografia de Suzenilson Kanindé, 2017.

Meu percurso no Museu foi de, aproximadamente, três anos como monitora e como liderança indígena, participando dos encontros nas aldeias junto com meus colegas. Foram muitos aprendizados, erros, lições, mas foram anos maravilhosos em que pude me aprofundar sobre a história do nosso povo.

Por conta disso, este projeto de pesquisa está direcionado a entender qual a importância da juventude indígena na gestão e organização do Museu Indígena Kanindé. Dessa pergunta principal, decorre também estabelecer o que a atuação no Museu Kanindé implicou em termos de organização da juventude Kanindé.

Essa pergunta é importante porque a hipótese que será verificada ao longo desta pesquisa é a de que a juventude indígena tem um papel fundamental na história do Museu, pois, a partir de sua reabertura, foi estabelecido um cronograma em que os jovens iriam se responsabilizar por toda sua gestão.

Para tanto, inicialmente, foi realizada uma formação com alguns estudantes que sentiram interesse em atuar no Museu. Foi nesse primeiro encontro que conhecemos um pouco melhor os grupos de estudo, como o HUVIXA e o NEPIK.

Quando foi se aproximando a data da reabertura, foi preciso passar por uma formação com o professor e antropólogo Alexandre Gomes, que passou alguns anos pesquisando na aldeia sobre a história do museu. Durante essa formação, aprendemos como iria ser nossa rotina de trabalho, limpeza do espaço e das peças que, pelo fato de serem antigas, requeriam muito cuidado.

A limpeza era feita com luvas, máscara facial e pincel para tirar a poeira. Os quadros deveriam ser higienizados com um pano. Depois de termos feito a limpeza do ambiente, foram feitos grupos de três pessoas para que, todo dia, fossem grupos diferentes para limpar, varrer, atender aos visitantes que, muitas vezes, eram universitários ou, então, estudantes da própria escola da comunidade, já que o Museu, em muitos momentos, era um objeto de estudo de algumas disciplinas escolares.

Antes de acontecer a visitação, era preciso fazer o agendamento da visita, realizado na escola indígena ou diretamente com o professor Suzenilson. Nossa tarefa era deixar o ambiente limpo, organizado e repassar para as pessoas o nosso conhecimento a partir da história do Museu.

Como a monitoria era organizada a partir de grupos de três pessoas, cada uma ficava responsável por algum tipo de limpeza e algumas atividades como de pesquisas no Museu, recepção de visitantes (internos e externos). Além disso, foi uma forma importante de formação da juventude Kanindé como futuras lideranças.

A partir do exposto, o **objetivo geral** desta pesquisa é compreender a forma como a juventude indígena atua no Museu Kanindé e como esta atuação mobiliza a juventude. Para tanto, serão necessários cumprir os seguintes **objetivos específicos**: 1) descrever a História do Museu Kanindé; 2) caracterizar os processos de organização da juventude Kanindé; 3) descrever as formas de atuação da juventude indígena no Museu Kanindé.

O cumprimento dos objetivos aqui estabelecidos requerem, para além da sistematização de trabalhos acadêmicos (monografia, tese, dissertação, artigos científicos) e livros que tratem de organização política de juventudes indígenas (Kanindé e outras etnias) e museus indígenas, a análise de fontes primárias/documentações relacionadas ao Museu, como relatórios do museu, projetos, registros fotográficos, material audiovisual, notícias de jornal, registros de atividades que envolveram a escola indígena e o Museu etc.

Ainda serão necessárias entrevistas com as lideranças Kanindé, como Cacique Sotero; professor Suzenilson Kanindé; professor e coordenador na escola indígena Antonio Nilton; artesã Teresa Soares, que também é esposa do Cacique; Cícero Pereira e professor Reginaldo Santos.

Também serão realizadas entrevistas com jovens Kanindé, como: Jozuelo de Souza, Antonia Santos, Elvis Brito, Beatriz Lourenço, Valéria Gomes, Isaías Silva; Cleisuan Fidelis.

As entrevistas serão agendadas previamente, seguirão um roteiro predefinido de assuntos e, com a anuência dos entrevistados, serão gravadas.

Museologia Indígena e o Museu Kanindé

O Museu Indígena Kanindé de Aratuba é uma fonte de pesquisa para aldeia e para estudantes indígenas e não indígenas. Ele foi fundado, em 1995, pelo Cacique Sotero, em sua própria casa. Depois de um certo tempo, foi necessário ser instalado próximo à escola indígena, sendo um lugar de mais fácil acesso.

Além de ser uma fonte de pesquisa, o Museu Indígena Kanindé é uma forma de guardar a memória através de documentos, fotos e objetos antigos, sendo assim, de suma importância para marcar a passagem das gerações. Para a juventude, é um espaço de engajamento político, que gera reconhecimento na comunidade e na Escola indígena diferenciada.

Como aponta Santos (2022, p. 44), o Museu Kanindé, como um lugar de memória, possui uma grande relação com a educação diferenciada do povo Kanindé. Desde sua criação, vem buscando fortalecer e consolidar relações identitárias, comungando projetos e ações no campo da memória e do patrimônio cultural, atuando “para além e paralelamente” à educação escolar indígena no fortalecimento dos cantos, danças, dos elementos da espiritualidade, valorizando os modos de fazer junto aos sujeitos considerados “Guardiões da Memória”.

O mesmo autor prossegue apontando a importância da experiência do povo Kanindé para o entendimento do processo de musealização de objetos que possuem significados simbólicos, históricos e identitários. Dessa forma, o costume dos mais velhos, “Guardiões da Memória”, de colecionar objetos que surgem no movimento da aldeia reaviva a

memória coletiva a partir da história contida em cada objeto. É partindo desse reavivamento que o museu Kanindé passa a fazer parte dos processos educativos da juventude (SANTOS, 2022, p. 41).

De acordo com Alexandre Gomes (2012, p. 74-76), o interesse dos indígenas pelos museus ocorre no contexto de afirmação étnica por via da memória, atrelada à construção de uma gestão indígena do patrimônio cultural. Isso porque “o estudo e a formação dos museus indígenas ocorrem como parte de um processo de construção teórico-metodológica realizado em contextos pós-coloniais, que questionam os fundamentos autoritários e de dominação do conhecimento do mundo ocidental sobre o ‘outro’”.

Num contexto de crítica ao papel e significado dos objetos e coleções etnográficas, cresce a organização de museus de povos indígenas no Brasil, Canadá, Austrália, México, Peru, Colômbia, Estados Unidos. Dentre algumas experiências de protagonismo indígena na gestão do patrimônio cultural e nos processos de musealização, Gomes menciona o Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque – Kuahí; Museu Maguta dos Ticuna; os museus indígenas do Noroeste da América do Norte (Museu e Centro Cultural Kwagiulth); o Centro Cultural de U’mistá; a rede de museus comunitários mexicanos; os museus dos aborígenes australianos; Museu Nacional Sêneca-Iroquês e a Associação de Museus Indígenas Americanos fundada em 1973 (GOMES, 2012, p.75).

A partir do diálogo com diversos autores, Gomes (2012, p.77) aponta que, o surgimento de museus indígenas, museus comunitários, ecomuseus e museus de territórios, significa uma renovação das instituições museológicas contemporâneas e uma forma de expressão que Movimentos Sociais organizados percebem quanto “à potencialidade que os espaços de memória têm na construção de uma escrita da história que evidencie sua ação enquanto sujeitos sociais”.

Como registra Gomes (2012), o Museu Kanindé foi aberto em 1995, por iniciativa de José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, com a contribuição da população da aldeia Fernandes na formação do acervo de objetos e documentos, com destaque para a família do Pagé Maciel. Uma casa comum que também já funcionou como pequeno mercado ou bodega.

O acervo começou a ser coletado antes, mas foi principalmente após 1995, os primeiros anos de mobilização étnica, que se foi avolumando com mais rapidez, como vestígio desse processo. ‘O pessoal chegava e dizia: Sotero eu achei essa peça lá, numa mata, por exemplo’.

Compreendemos a constituição deste acervo como parte do processo de mobilização por reconhecimento. Foram se acumulando objetos representativos das vivências em um presente indígena (participação em atos, reuniões, viagens, materiais de eventos e mobilizações, objetos rituais, adornos corporais, jornais, fotografias, etc.) e das investigações documentais que começaram a fazer, das seleções e descartes, das apropriações e invenções, das ações voltadas para a construção de um passado no qual falam dos ancestrais de suas migrações e territorialização, resistência e sofrimento, perseguições e lutas para manter a posse das terras (GOMES, 2012, p. 101).



Figura 2: Fachada do Museu Kanindé. Fotografia de Breno Kanindé, 2011.

Para Suzenilson da Silva Santos (2022, p. 22), o Museu Kanindé deve ser entendido como um lugar de formação entre as distintas gerações, além de um espaço de luta, resistência e reafirmação étnica com a função de difundir a memória, rememorar saberes e construir coletividades. Nesse cenário, destaca-se a figura de Cacique Sotero, criador do museu, que, ao compartilhar seus saberes sobre museologia indígena, vem propiciando que seu

povo se aproprie desse mecanismo e desenvolva estratégias de luta e resistência como povo indígena.

O movimento museológico Kanindé, em contato com outras iniciativas, possibilitou que se construísse uma gama de saberes sobre os povos indígenas. Não demorou para que as atividades organizadas pelo Museu começassem a se destacar e os Kanindé a participar de eventos, de âmbito nacional, para discutir sobre museologia indígena (SANTOS, 2022, p. 24).

A partir de suas pesquisas e de sua atuação enquanto professor e liderança indígena, Suzenilson Santos (2022, p. 34) aponta que, partindo da museologia indígena existe uma museologia Kanindé, criada por Cacique Sotero. Trata-se de “uma forma própria de um povo que estabelece suas relações de acordo com suas formas de ser”. É um trabalho de curadoria que consiste em classificar e relacionar os objetos existentes no museu desenvolvendo uma forma coletiva na sua forma de ser e conviver com seu povo”.

Para ele:

As memórias presentes na museologia indígena Kanindé são interpretadas de forma a conduzir no presente as ações do povo, em assumir e fazer parte de uma ancestralidade e tradição, que não conseguiu se romper no tempo. Essa utilização de percepções são sinais diacríticos que se reconstituem através da reapropriação de objetos que se fundamentalizam nas metáforas de identidade dos Kanindé. (SANTOS, 2022, p. 40).



Figura 3: Cacique Sotero. Fotografia de Alexandre de Oliveira Gomes, 2011.

Etapas e cronograma:

Para o desenvolvimento desta pesquisa serão necessários:

Levantamento bibliográfico sobre museologia, museologia indígena, museus comunitários, ecomuseus e museus de território.

Levantamento bibliográfico sobre juventude, juventude indígena e juventude e atuação política.

Levantamento das fontes documentais como relatórios, projetos, reportagens, registros de apresentações em eventos, atividades da escola indígena e do Museu Kanindé, registros fotográficos e material audiovisual.

Entrevistas com as lideranças Kanindé: Cacique Sotero; professor Suzenilson Kanindé; professor Antonio Nilton; artesã Teresa Soares; liderança Cícero Pereira e professor Reginaldo Santos.

Entrevistas com jovens Kanindé: Jozuelo de Souza, Antonia Santos, Elvis Brito, Beatriz Lourenço, Valéria Gomes, Isaías Silva; Cleisuan Fidelis.

Redação de artigo sobre os resultados da pesquisa

ETAPA	BIMESTRE					
	1	2	3	4	5	6
Levantamento bibliográfico						
Entrevistas						
Redação de artigo						

Referências:

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de Índio: objetos, memórias e etnicidade entre os Kanindé do Ceará.** 2012. 324 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SANTOS, Suzenilson da Silva. **Um museu indígena como estratégia interdisciplinar de formação entre os Kanindé no Ceará.** 2022. 207 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades) – Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, 2022.